



## O CAPITALISMO E A INSTRUMENTALIZAÇÃO DOS INDIVÍDUOS

### THE CAPITALISM AND THE INSTRUMENTALIZATION OF INDIVIDUALS

Camyla Galeão de Azevedo<sup>1\*</sup>

Ridivan Clairefont de Souza Mello Neto<sup>2\*</sup>

#### RESUMO

Este artigo pretende analisar de que maneira a indústria cultural, como um poder criado a partir do sistema capitalista, instrumentaliza o indivíduo na sociedade, a ponto de transformá-lo em um ser nulificado e desprovido de direitos humanos. Assim, tem por objetivo investigar de que maneira o moderno sistema-mundo, a partir da indústria cultural, instrumentaliza e coisifica os indivíduos na sociedade. Esta análise parte de uma perspectiva interdisciplinar, abordando os fundamentos do capitalismo, bem como suas virtudes e vícios, a partir da teoria de Immanuel Wallerstein constante na obra *Capitalismo Histórico e Civilização Capitalista*, bem como os fundamentos da indústria cultural, a partir da teoria de Theodor Adorno e Max Horkheimer, presente na obra *Dialética do Esclarecimento*. A hipótese centra-se na ideia de que o capitalismo, por colocar o indivíduo como centro do sistema e, apesar de basear-se no universalismo e nos direitos humanos, trata o ser humano como um ser genérico, substituível, fungível, apático e como simples engrenagem do moderno sistema-mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** capitalismo; indústria cultural; instrumentalização; universalismo; direitos humanos

#### ABSTRACT

This article intends to analyze how the cultural industry, as a power created from the capitalist system, instrumentalizes the individual in society, to the point of transforming him into a nullified being devoid of human rights. Thus, it aims to investigate how the modern world-system, based on the cultural industry, instrumentalizes and objectifies individuals in society. This analysis starts from an interdisciplinary perspective, addressing the fundamentals of capitalism, as well as its virtues and vices, based on Immanuel Wallerstein's theory in the work *Capitalism Historic e Civilizes Capitalist*, as well as the fundamentals of the cultural industry, based on the theory of Theodor Adorno and Max Horkheimer, present in the work *Dialectic of Enlightenment*. The hypothesis focuses on the idea that capitalism, by placing the individual at

<sup>1\*</sup> Camyla Galeão de Azevedo - Doutoranda em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Direito Civil pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestre em Direito, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional (CESUPA/PA). Advogada. E-mail: [camylagaleao@gmail.com](mailto:camylagaleao@gmail.com). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-7024-6020>

<sup>2\*</sup> Ridivan Clairefont de Souza Mello Neto- Mestre em Direito, Políticas Públicas e Desenvolvimento (CESUPA/PA). Especialista em Direito Eleitoral pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/Minas). Advogado. E-mail: [ridivan@hotmail.com](mailto:ridivan@hotmail.com). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1341-8126>





the center of the system and, despite being based on universalism and human rights, treats the human being as a generic, replaceable, fungible, apathetic being and as a simple adherence of the modern world-system.

**KEYWORDS:** capitalism; cultural industry; instrumentation; universalism; human rights

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende analisar de que maneira a indústria cultural, como criação do poder capitalista, instrumentaliza o indivíduo na sociedade, a ponto de transformá-lo em um ser nulificado, apático e desprovido de direitos humanos.

A análise parte de uma perspectiva interdisciplinar, abordando os vícios e as virtudes do moderno sistema-mundo, a partir da teoria de Immanuel Wallerstein constante na obra *Capitalismo Histórico e Civilização Capitalista*, bem como os fundamentos da indústria cultural, enquanto poder opressor criado pelo capitalismo, a partir da filosofia de Theodor Adorno e Max Horkheimer, presente na obra *Dialética do Esclarecimento*.

De fato, graças ao florescimento da ciência e da tecnologia, o capitalismo reduziu as mortes por pestes e doenças. Atualmente temos salvaguardas individuais, como remédios e vacinas, que evitam a proliferação de doenças, assim como mecanismos coletivos, como bons sistemas de saúde. Através dessas salvaguardas, pode-se afirmar que a mortalidade infantil reduziu significativamente, enquanto a expectativa de vida aumentou.

Segundo Wallerstein (2001), a fome já não se apresenta mais como um problema tão relevante, como se revelou ser no passado. O capitalismo, mediante a tecnologia, substituiu os problemas de curto prazo, que afetavam a plantação e a colheita, por de médio prazo. No entanto, essa substituição, como veremos, é incerta, pois se o desmatamento das florestas aumentar e a camada de ozônio diminuir, a destruição de vidas poderá ser gigantesca.

Em contrapartida, não é possível afirmar que as guerras civis e as guerras entre povos e Estados diminuíram significativamente. Apesar de pregar os direitos humanos e, conseqüentemente, a igualdade entre os indivíduos, o capitalismo impeliu uma corrida meritocrática de todos contra todos, desencadeando o conflito entre os grupos da sociedade. Conforme menciona Wallerstein (2001) a guerra civil é fruto do moderno sistema-mundo capitalista. Este fruto, por sua vez, está totalmente aliado à etnização da força de trabalho e ao racismo, corolários, como veremos, do capitalismo.



Os defensores do sistema argumentam, ainda, que a pobreza diminuiu, na medida em que a acumulação de capital aumentou, aumentando, portanto, a distribuição de riqueza.

O capitalismo, mediante o argumento de superação das necessidades básicas (como a morte por doenças, fome, guerra e guerra civil), sustenta que o sistema promoveu e promove o florescimento humano e a emancipação dos indivíduos. Em outras palavras, baseado em ideais meritocráticos, afirma que o sistema valorizou o esforço individual dos indivíduos, promovendo a maximização da eficiência e a libertação do poder da imaginação humana.

Contudo, apesar de aparentemente promover uma vida com mais qualidade à sociedade, argumenta-se que o capitalismo, mediante a indústria cultural, instrumentaliza os indivíduos em prol do funcionamento do próprio sistema. Os indivíduos, no moderno sistema mundo, são transformados em meras engrenagens pertencentes à grande máquina, necessários ao bom funcionamento do sistema.

Nesse sentido questiona-se: em que medida o capitalismo eurocêntrico, a partir da indústria cultural, instrumentaliza e coisifica os seres humanos em prol do próprio sistema?

A partir desta ideia, pretende-se discutir se a promessa de libertação do homem, mediante o desencantamento do mundo, foi efetivamente cumprida. Isto é, se o uso da técnica pela modernidade promoveu, de fato, a libertação e o florescimento do ser humano.

O procedimento metodológico envolverá a pesquisa bibliográfica, a partir de uma investigação de livros e artigos que tratam sobre o capitalismo e a indústria cultural. A pesquisa será dividida em dois tópicos. A primeira sessão analisará as bases do capitalismo, bem como as suas virtudes e vícios, a partir da teoria de Immanuel Wallerstein. A segunda sessão analisará propriamente a indústria cultural, como uma criação do moderno sistema-mundo capitalista, a partir da teoria de Theodor Adorno e Max Horkheimer.

## **2 A ECONOMIA-MUNDO CAPITALISTA: MELHOR OU PIOR QUE OS SISTEMAS ANTERIORES?**

A economia-mundo capitalista, que é considerada um moderno sistema-mundo, surgiu ao longo do século XVI em partes da Europa e da América Latina, expandindo-se a partir delas para todo o planeta (WALLERSTEIN, 2001).

Aníbal Quijano (2010) nos ensina que a colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do moderno sistema-mundo capitalista. Apesar de se basear no universalismo, como veremos, esse poder:



Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos, da existência social quotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América (QUIJANO, 2010, p. 74).

Com o descobrimento e constituição da América Latina, o poder capitalista se torna mundial. No entanto, seus centros de comando estão muito bem localizados. De acordo com Quijano (2010), os centros hegemônicos do moderno sistema-mundo localizam-se sobre a Europa. Com a América Latina, em poucos anos o capitalismo se tornou mundial, eurocentrado, com a colonialidade e a modernidade instaladas como eixos constitutivos de seu padrão de poder, perdurando até os dias de hoje.

Segundo Quijano (2010), consolidou-se uma concepção de humanidade segundo a qual a população do mundo se diferenciava em inferiores e superiores, irracionais e racionais, primitivos e civilizados, tradicionais e modernos. O centro do mundo capitalista organizou-se em uma dualidade histórica: a Europa (sobretudo a Europa Central e Inglaterra) e a Não-Europa. Esta dualidade implicava, além do mais, que muito de tudo o que era a Não-Europa, ainda que existisse no mesmo cenário temporal, na realidade correspondia ao passado de um tempo linear cujo ponto de chegada era, e ainda é, a Europa (QUIJANO, 2010).

Na Não-Europa, existiam nesse mesmo período, século XIX, todas as formas não-salariais do trabalho. Na Não-Europa tinham sido impostas identidades raciais não-europeias ou não-brancas. Na Europa estavam em formação ou já estavam formadas as instituições modernas de autoridade: os estados-nação modernos e suas respectivas identidades. Na Não-Europa só eram consideradas as tribos e as etnias, ou seja, o passado pré-moderno (QUIJANO, 2010).

Questiona-se: o moderno sistema-mundo capitalista se apresenta de forma benéfica aos indivíduos? Isto é, ele é mais benéfico que os sistemas anteriores? Quem responde estas perguntas é o sociólogo estadunidense Immanuel Wallerstein na obra *Capitalismo Histórico e Civilização Capitalista*, por meio da qual faz um balanço das virtudes e vícios da economia-mundo capitalista. A realização desse balanço entre as virtudes e os vícios é quase que exclusiva desse sistema histórico e um de seus traços definidores (WALLERSTEIN, 2001, p. 97).

O debate acerca do capitalismo histórico não é simétrico. Os seus defensores consideram o capitalismo igualitário demais, principalmente por ter “acabado” com os privilégios existentes



nos sistemas anteriores. Os seus críticos, por sua vez, visualizam-no como um sistema essencialmente não igualitário.

Para analisar os pontos positivos e negativos do moderno sistema-mundo, Wallerstein (2001) propõe a análise a partir dos quatro cavaleiros do apocalipse, ou necessidades básicas.

Ao longo dos anos, a humanidade desenvolveu inúmeras religiões diferentes entre si, mas todas com um propósito comum: dar algum tipo de resposta ou consolo às misérias do mundo. Essas misérias podem ser personificadas nas figuras dos quatro cavaleiros do apocalipse, quais sejam: guerra civil, guerra, fome e morte por doenças, pestes e animais selvagens. As quatro misérias, presentes na figura dos quatro cavaleiros do apocalipse, são os horrores do mundo, na medida em que destroem a paz e a harmonia da sociedade. No entanto, “são males inevitáveis, pelo menos até a chegada de uma era messiânica (no caso de algumas religiões) ou o surgimento de algum outro caminho que nos conduza para além da história” (WALLERSTEIN, 2001, p. 99).

O sistema capitalista orgulha-se em dizer que foi “além da história” para resolver os males e os problemas na terra. Seus defensores alegam que o sistema pelo menos supriu com as necessidades básicas das pessoas colocadas dentro dos seus limites. O argumento principal segue no sentido de que, por ter aumentado a eficiência da produção, o capitalismo aumentou a riqueza coletiva. Argumenta-se que, apesar da distribuição desigual da riqueza entre as pessoas, a distribuição foi suficiente para garantir recursos que antes não eram garantidos pelos sistemas históricos anteriores.

Por conta desta presunção, os defensores do sistema afirmam que o capitalismo é melhor que todos os sistemas históricos anteriores e que é o único sistema “natural”.

Para sustentar essa ideia, eles apresentaram uma evidência demonstrativa:

Olhem para o mundo moderno, dizem. Não é mais rico do que qualquer outro mundo conhecido? Não são fabulosas as realizações tecnológicas? Não estão todos, em algum sentido, numa situação melhor? Especialmente: os países em que o capitalismo parece ser aceito e praticado de modo mais pleno não são os mais ricos e mais avançados economicamente? (WALLERSTEIN, 2001, p. 100).

Segundo Wallerstein (2001, p. 100), esses argumentos têm sido, ao longo dos anos, muito persuasivos e por isso devem ser levados a sério. Para analisar os benefícios e os malefícios do capitalismo, o sociólogo analisará cada uma das misérias/necessidades básicas presentes no mundo.



Questiona-se se o capitalismo realmente diminuiu as mortes por doenças, pestes e animais selvagens. Sustenta-se que, tirando a pandemia do COVID-19, alastrada pelo mundo a partir do ano de 2020, a única peste que se teve conhecimento, em termos de dimensão, foi a peste negra. A ausência de outras pestes nessa magnitude decorre em virtude de dois fatores. O primeiro deles é a salvaguarda dos indivíduos. Com a ciência, que realmente pôde florescer no sistema capitalista, criaram-se inúmeros mecanismos de proteção do indivíduo, como por exemplo, a vacina e os remédios, que minimizaram os impactos das doenças. O segundo ponto é a salvaguarda da coletividade, na medida em que aprendemos a criar um ambiente de saúde pública melhor, bem como técnicas para evitar a difusão de doenças (WALLERSTEIN, 2001).

A partir da salvaguarda do indivíduo e da coletividade, pudemos, de fato, observar avanços na diminuição da mortalidade infantil e no aumento da expectativa de vida, pois, nos países capitalistas, as pessoas com sessenta anos ou mais têm mais chances de sobreviver a doenças do que antes, por conta do avanço da ciência e das tecnologias médicas. Este é um dos pontos que os defensores do capitalismo ressaltam em prol do sistema. Sustentam que a ciência só pôde florescer, de fato, no capitalismo. Com a ciência, floresceu também a tecnologia, criando um melhor aparato para o sistema de saúde como um todo.

E a fome? É possível afirmar que hoje ela é um problema menos relevante do que foi no passado? Segundo Wallerstein (2001, p. 102), o principal problema do passado, existente nos sistemas históricos anteriores, era relacionado às mudanças climáticas de curto prazo. O capitalismo, no entanto, não acabou por completo com essas mudanças de curto prazo, mas apenas substituiu-as pelas mudanças climáticas de médio prazo. No entanto, a derrubada de florestas e a poluição do meio ambiente poderá acarretar problemas de maior escala. “Se a camada de ozônio continuar a diminuir, a destruição de vidas (diretamente ou através do impacto sobre o suprimento alimentar) pode ser enorme” (WALLERSTEIN, 2001, p. 103).

É possível afirmar, ainda, que as guerras civis diminuíram? A resposta é negativa, na medida em que é fruto da economia-mundo capitalista, isto é, o sistema capitalista, ao invés de diminuir, intensificou a guerra entre os grupos dentro da sociedade. Para funcionar de forma adequada, o capitalismo exigiu migrações para satisfazer as exigências de mão-de-obra em áreas geográficas específicas. Concorrentemente com as migrações, ocorreu o que Immanuel Wallerstein chama de “etnização da força de trabalho mundial”, de modo que em toda parte observa-se a sociedade dividida em vários agrupamentos étnicos. Segundo Wallerstein:



Este processo de “etnização” altera, para pior, qualquer balanço. Ele constitui o fundamento estrutural de uma luta contínua tanto entre os estratos étnicos superiores e inferiores como dentro dos estratos étnicos do nível inferior. Essas lutas tendem a se acirrar sempre que se registra uma contração cíclica na economia-mundo, isto é, na metade do tempo histórico. Frequentemente degeneram em conflitos violentos, desde distúrbios menores até genocídios indiscriminados (WALLERSTEIN, 2001, p. 104).

O colonialismo dividiu o mundo em duas partes, a partir de raças diferentes. Essa divisão ainda se faz presente no capitalismo, mediante a colonialidade. Existe a parte do mundo que diz respeito à raça branca (europeus) e a parte que relaciona-se com as raças de cor, não brancas (não europeus). Há uma desvalorização do indivíduo relacionada com a sua cor. O padrão da cor determina os papéis adequados na sociedade, mapeando os lugares dos brancos e dos negros (QUIJANO, 2010). Segundo Frantz Fanon:

[...] Quando se observa em sua imediatidade o contexto colonial, verifica-se que o que retalha o mundo é antes de mais nada o fato de pertencer ou não a tal espécie, a tal raça. Nas colônias a infraestrutura econômica é igualmente uma superestrutura. A causa é consequência: o indivíduo é rico porque é branco, é branco porque é rico. (FANON, 2005, p.62).

As guerras civis, como mencionado, são produtos da civilização capitalista. A mencionada etnização da força de trabalho requer uma ideologia racista, que divide a sociedade em classes, subclasses, seres humanos inferiores, seres humanos superiores. Este é um sinal significativo de mais instabilidade e menos balanço na civilização capitalista.

Não é possível afirmar também que as guerras entre Estados ou povos diminuam com o moderno sistema-mundo, diante da explosão de tecnologia que estamos vivendo ao longo dos anos. O poder militar que um país tem hoje, em relação ao passado, é muito maior.

Em relação à pobreza, afirmam os defensores do capitalismo que existe uma maior acumulação de capital na sociedade e, portanto, maior distribuição de riqueza entre as pessoas que vivem nos limites do capitalismo. Entretanto, devemos considerar que essa distribuição é extremamente desigual, ainda que o número de pessoas que receba a mais valia seja maior na civilização capitalista, se comparada com outros sistemas históricos existentes. No entanto, ainda que maior, não podemos dimensionar o seu tamanho. A parcela da população que divide a mais-valia, segundo Wallerstein (2001, p. 105) nunca excedeu 1/7 da população. Mais da metade da sociedade não tem privilégios e, pode-se afirmar, que estão em situação pior, se comparado com a vida que poderia levar em outros sistemas.



Diante desse diagnóstico, é possível afirmar que o capitalismo não venceu por completo os quatro cavaleiros do apocalipse, mas apenas parcialmente e de maneira extremamente desigual.

Os defensores da civilização capitalista afirmam que o sistema se baseia em duas virtudes supremas na construção da vida social. São elas: universalismo e democracia. Os críticos argumentam em sentido contrário, de que no capitalismo não existem essas duas virtudes.

O universalismo, na vertente capitalista, relaciona-se com três institutos: ciência, direitos humanos e meritocracia. O universalismo prega que existem verdades que são racionais e eternas, o que podemos chamar de ciência. Também fundamenta que existe uma ética universal aplicável e praticável por todos, chamados de direitos humanos, e que existem padrões objetivos de competência, os quais determinam os lugares apropriados para a força de trabalho, o que também chamamos de meritocracia.

O capitalismo, a partir do universalismo e da democracia, coloca o indivíduo como centro do sistema (WALLERSTEIN, 2001). Promete um funcionamento com base na igualdade, nos direitos humanos e na democracia. Entretanto, como veremos, o capitalismo não iguala os indivíduos em prol da justiça social. Quando não impele uma corrida de todos contra todos, funcionando a partir de uma lógica racista e sexista, iguala-os para os instrumentalizar e colocá-los como uma simples engrenagem do sistema.

Apesar de se mostrar como uma economia progressista e emancipadora, como veremos no tópico a seguir, o capitalismo, mediante a indústria cultural, uma das suas principais armas, amarra o indivíduo ao sistema, transformando-o em um ser genérico, substituível, fungível e apático, desprovido de direitos humanos.

### 3 O CAPITALISMO E A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO INDIVÍDUO

Na obra *Dialética do Esclarecimento*, os filósofos alemães Adorno e Horkheimer (1947) apresentam a noção de desencantamento do mundo por meio do esclarecimento, da racionalidade. O encantamento, a imaginação e o desconhecido eram as marcas principais do mundo antigo.

O desencantamento do mundo foi desencadeado, por sua vez, pela era moderna. A era moderna libertou o indivíduo do encantamento, da imaginação sobre as coisas, do desconhecido. A imaginação e o desconhecido se transformam em esclarecimento. A natureza,





ainda desconhecida e encantada, se transforma em clareza, objetividade e racionalidade (VERBICARO; VERBICARO, 2017).

Acreditava-se que, com a chegada da era moderna, mediante a ciência, com conhecimento e com o uso da técnica, a libertação do ser humano seria alcançada. Contudo, essa ideia representou a desilusão das utopias e o otimismo libertador da racionalidade que, em vez de construir uma modernidade efetivamente humana, proporcionou o afundamento da humanidade, promovendo a instrumentalização do ser humano, o distanciamento dos seus valores, da individualidade e da capacidade de pensamento crítico individual (VERBICARO; VERBICARO, 2017). O ser humano acabou por ser instrumentalizado e coisificado pelo uso da técnica.

A instrumentalização e a transformação do indivíduo em objeto podem ser observadas mediante a posição que ele passa a assumir nas sociedades modernas, como uma simples engrenagem do processo capitalista (ADORNO; HORKHEIMER, 1947).

O indivíduo, desprovido de qualquer individualidade, torna-se uma mera peça do sistema capitalista, permitindo o seu apagamento como um ser único, individual, dotado de personalidade e de pensamento crítico, convertendo o “sonho de uma humanidade iluminada e emancipada em verdadeira desventura, com a ameaça de destruição precisamente daquilo que deveria e pretendia realizar: a ideia de homem em liberdade, em seu valor e em sua autonomia” (VERBICARO; VERBICARO, 2017, p. 419).

Nesse contexto, como uma das principais consequências promovidas pelo uso da técnica e do capitalismo, propriamente, está a indústria cultural. A indústria cultural manifesta-se pelo desenvolvimento de mecanismos de controle de consciência de pensamento individual e coletivo da sociedade. Ela se manifesta em todas as esferas da vida dos indivíduos, apresentando-se, principalmente, mediante os meios de comunicação. Esse poder, criado pelo capitalismo moderno, está tão implantado em nossa sociedade que, segundo Adorno e Horkheimer (1947), o mundo inteiro é obrigado a passar pelo crivo da indústria cultural (VERBICARO; VERBICARO; AZEVEDO, 2019).

Foram Max Horkheimer e Theodor Adorno, em 1940, que desenvolveram o conceito de indústria cultural, na obra *Dialética do Esclarecimento*. Esta expressão está interligada com a forma de produção de arte e cultura na sociedade industrial capitalista. A produção da cultura e arte na sociedade capitalista, por sua vez, está intimamente relacionada com a obtenção de



lucro. O fundamento do capitalismo e, conseqüentemente, da indústria cultural, encontra-se na criação de culturas e produtos que promovam o consumo exacerbado pela sociedade.

Os sustentáculos da indústria cultural manifestam-se mediante os meios de comunicação. Por serem criação de um mesmo poder, infere-se que o rádio, a televisão, o cinema, as revistas e a internet propriamente fazem parte de um único sistema. Estes meios de comunicação, de maneira geral, estão relacionados entre si com embasamento no mesmo objetivo: proliferar o consumo e obter a lucratividade, mediante a disseminação dos gostos, preferências, estilos e valores, todos estes padronizados para toda a sociedade.

Em razão de visarem apenas à lucratividade, os meios de comunicação não se apresentam mais como produtores de arte. Como mencionam Adorno e Horkheimer, a realidade é que os meios de comunicação não passam de um negócio lucrativo.

Desde o começo do filme já se sabe como ele termina, que é recompensado, e, ao escutar a música ligeira, o ouvido treinado é perfeitamente capaz, desde os primeiros compassos, a adivinhar o desenvolvimento do tema e sente-se feliz quando ele tem lugar como previsto. O número médio de palavras da *short story* é algo em que não se pode mexer. Até mesmo as *gags*, efeitos e piadas são calculados, assim como o quadro em que se inserem. Sua produção é administrada por especialistas, e sua pequena diversidade permite reparti-las facilmente no escritório (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 59).

Em sua grande maioria, os cinemas, as televisões e as rádios não se interessam mais em fabricar arte ou conteúdo de qualidade. Estão muito mais propensas e preocupadas em alastrar produtos que sejam assimilados de forma mais facilitada pelos consumidores, como por exemplo, através da música facilmente memorizável e filmes que estejam com o enredo claro desde o início da trama. Produz-se “arte” com o único intuito de se obter lucro.

Sobre o assunto, como mencionam Loiane Verbicaro e Dennis Verbicaro (2017), a indústria cultural, dialogando com os meios de comunicação, impõem-se de cima para baixo, com o objetivo de homogeneizar, criar gostos padronizados e integrar às massas os valores capitalistas de consumo. Impondo gostos e padrões de consumo, o capitalismo consegue proliferar produtos padronizados, marcados pelo selo da indústria cultural, que atendam aos interesses homogeneizados da sociedade.

Com a racionalidade, ao invés de libertar o ser humano, a técnica o aprisionou. A técnica utilizada pela era moderna, mediante a indústria cultural, se transformou em psicotécnica. Utilizando-se da psicotécnica, o capitalismo manipula o psicológico dos indivíduos, modificando seus valores, seus pensamentos críticos e suas individualidades. Os seres humanos



se reduzem naquilo que o sistema os força ser. Por estarem imersos ao modelo manipulador da indústria cultural, o indivíduo busca fazer de si mesmo, “uma vida que corresponda, *ipsis litteris*, ao modelo apresentado pelos seus standards, donde se concebe a espontaneidade e a liberdade individual no plano da mera abstração do pensamento” (VERBICARO; VERBICARO, 2017, p. 113).

O capitalismo eurocêntrico, mediante a indústria cultural, define quais serão as novas necessidades de consumo, os novos padrões de beleza, relacionando o consumo excessivo à busca da realização plena, do *status* e da felicidade. Os meios de comunicação, nessa seara, assumem um importante papel. Através destes, há a manipulação dos consumidores, que se transformam em seres consumistas, desesperados em adquirir as tecnologias e mercadorias da indústria cultural.

Sobre o assunto, comenta Immanuel Wallerstein (2001), que a necessidade de adquirir certos objetos em detrimento de outros é uma criação social da civilização capitalista. Os produtores podem persuadir muito os consumidores a comprarem tipos específicos de produtos.

A necessidade de adquirir certos tipos (e não outros) de objetos materiais é uma criação social da civilização capitalista. Sua sustentação é garantida por um conjunto de outras instituições. Sobre esse fundamento, conjuntos específicos de produtores podem desenvolver argumentos para persuadir grandes grupos de compradores a comprar tipos específicos de produtos. Este é um elemento-chave da capacidade de estabelecer monopólios relativos (WALLERSTEIN, 2001, p. 124).

Na curta intitulada como *Happinnes*, Steve Cutts demonstra como os indivíduos, enquanto consumidores, se comportam numa sociedade capitalista. O capitalismo divulga produtos que se tornam objetos de desejo e de consumo pelos indivíduos. A disponibilização do produto desperta o interesse no sujeito que o relaciona com o ideal de felicidade. Isto é, o indivíduo, na sociedade industrial cultural, compra para ser feliz, para alcançar a dita felicidade plena tão disseminada pelos meios de comunicação (LIPOVETSKY, 2007). A conclusão da curta finaliza-se com o personagem consumindo todos os produtos divulgados pela mídia, não conseguindo alcançar a plenitude tão prometida pela indústria cultural. Em vez de se tornar mais pleno, completo e feliz, o personagem transforma-se em um sujeito apático, desacreditado, um mero escravo do trabalho, uma peça para sustentar um mecanismo capitalista opressor.

O capitalismo, mediante a indústria cultural e a disseminação do consumo feita pelos meios de comunicação, acaba por impor gostos, estilos e necessidades de consumo de maneira manipulada. A curta *Hapinnes* demonstra muito bem essa ideia. Cria-se na sociedade



necessidades que são, na prática, passageiras. A liberdade e o pensamento individual acabam por ser nulificados ante abordagem extremamente agressiva feita pelo moderno sistema mundo.

Imerso na lógica da indústria cultural, o indivíduo torna-se um mero apetrecho do sistema capitalista a fim de que o sistema esteja em constante funcionamento. O indivíduo transforma-se, então, numa simples engrenagem de um grande sistema, necessário para o seu correto e perfeito funcionamento. O capitalismo, conjuntamente com a indústria cultural, dissemina produtos padronizados que são necessários para se viver bem e feliz, despertando o desejo de compra da sociedade, promovendo, conseqüentemente, o apagamento do senso crítico e da consciência dos indivíduos acerca da real necessidade da compra de um determinado produto. Através dos meios de comunicação, o moderno sistema-mundo coloca as pessoas em um ciclo sucessivo de consumo exacerbado.

O capitalismo controla os valores individuais, os desejos e os gostos dos indivíduos. É ele quem dita as regras do consumo, impondo os comportamentos padronizados, isto é, de massa. Aliado a esse mecanismo, manifesta-se a naturalização da transferência de poder da sociedade à indústria cultural. A sociedade consumista passa a servir de forma voluntária ao poder manipulador, que age através da psicotécnica. Torna-se mais cômodo aderir aos comportamentos e aos gostos impostos pelo capitalismo do que seguir as suas próprias escolhas.

O filósofo francês Étienne de La Boétie (2017), na obra *Discurso da Servidão Voluntária*, demonstra a negação da liberdade pelo sujeito que prefere, de forma voluntária, servir a um poder. A servidão é escolhida de forma voluntária pelo indivíduo, o qual não obedece ao poder opressor por ser forçado ou obrigado, mas porque quer servir. Sujeita-se ao poder opressor em razão de preferir servir, de desejar servir. Manuel João Gomes, no prefácio da supracitada obra, conclui que “a alienação é demasiado doce e a liberdade demasiado amarga” (GOMES, 2016, p. 14).

Na perspectiva de La Boétie, servidão não é imposta ou obrigatória. Ela é voluntária até se transformar em um vício. O indivíduo dominado, ao não vivenciar a liberdade, prefere se render à servidão.

Segundo La Boétie (2016), a servidão é tão voluntária que os servos não desejam a liberdade. A submissão ao senhor do poder vai além de uma simples obediência. O servo serve, literalmente e voluntariamente, o opressor.

Que nome se deve dar a esta desgraça? Que vício, que triste vício será este: um número infinito de pessoas não só a obedecer mas a servir, não governadas mas tiranizadas,





sem bens, sem pais, sem filhos, sem vida a que possam chamar de suas? Suportar a pilhagem, as luxúrias, as crueldades, não de um exército, não de uma horda de bárbaros, contra os quais dariam o sangue e a vida, mas de um só? (LA BOÉTIE, 2016, p.19).

Entende-se que o capitalismo, mediante a indústria cultural, faz o papel deste poder superior e opressor que provoca a servidão, voluntária, dos indivíduos. Essa economia-mundo institui estilos de vida, gostos, mercadorias a serem compradas, padrões de beleza e arte que são voluntariamente adotados pelos indivíduos. Estes que preferem obedecer à lógica opressora a desafiar as suas normas. Desafiar as normas capitalistas é difícil, amargo e incômodo.

De acordo com Adorno e Horkheimer, a violência da indústria cultural se instala nos indivíduos até mesmo de forma inconsciente. O capitalismo é uma grande maquinaria que não concede descanso a ninguém, seja no trabalho ou em casa.

A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los abertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 60).

Servo voluntário desse poder opressor capitalista, o indivíduo assume a posição de um sujeito ilusório. Nas sociedades modernas habita uma pseudoindividualidade, na medida em que a padronização das mercadorias é a regra, mas a dos indivíduos também (VERBICARO, 2018).

Apesar de pautar-se nos direitos humanos, na liberdade proporcionada, supostamente, pela técnica, o capitalismo trata o indivíduo como um ser genérico, fungível, substituível, apático. Perde-se sua individualidade e liberdade para se tornar apenas uma engrenagem do sistema capitalista. O sujeito, como centro do sistema capitalista, é peça essencial para se disseminar o consumo padronizado e para se alcançar a lucratividade.

#### 4 CONCLUSÃO

O presente artigo pretendeu analisar a instrumentalização do indivíduo promovida pela indústria cultural, a partir de uma ampla análise sobre as bases, virtudes e vícios do moderno sistema-mundo capitalista.



Demonstrou-se que o capitalismo trouxe muitos pontos positivos para, pelo menos, o suprimento das necessidades básicas, ainda que de forma muito desigual. Na esteira do entendimento de Immanuel Wallerstein, apresentado ao longo do texto, no capitalismo histórico é possível verificarmos o aumento do estrato privilegiado. As pessoas estão mais prósperas em termos materiais e de saúde.

Entretanto, é necessário observarmos para o outro lado do espectro, pois mais da metade da população mundial não tem privilégios. Para essas pessoas, o mundo é com certeza pior do que qualquer sistema histórico anterior.

Em nossa sociedade de consumo, observamos objetos nunca sonhados em civilizações anteriores: eletricidade, telefones, rádios e televisões, encanamento interno, refrigeradores, automóveis. A necessidade de se adquirir certos tipos de produtos em detrimento de outros é uma criação social da civilização capitalista (WALLERSTEIN, 2001).

Demonstrou-se que a civilização capitalista foi construída sob a centralidade do indivíduo, como sujeito da história. O capitalismo prometeu o florescimento, a libertação e o encorajamento dos indivíduos. Também legitimou o esforço despendido não apenas dos empreendedores, mas da classe trabalhadora, a fim de alcançar a maximização da eficiência e libertação do poder da imaginação humana (WALLERSTEIN, 2001).

Entretanto, afirma-se que essa “libertação” do indivíduo e da mente humana não foi uma conquista para os indivíduos, enquanto pessoas, mas sim para o próprio sistema. O capitalismo, ao incitar o trabalho, o esforço e a maximização da eficiência, coloca os indivíduos como meras engrenagens do sistema-mundo capitalista. Isto é, o esforço da mente e do trabalho despendidos servem unicamente para alimentar o sistema capitalista.

A indústria cultural moderna, mediante os meios de comunicação, vende experiências, vidas e emoções que poderão ser sentidas pelos indivíduos, para que sejam e se sintam plenamente realizados.

Para alcançar a felicidade e a plenitude tão prometida pelo moderno sistema-mundo, os sujeitos entram em um caminho sem saída. Submetem-se à indústria cultural mediante o consumismo exacerbado, apagando sua individualidade, racionalidade e pensamento crítico individual. A psicotécnica promovida pela indústria cultural, acaba por promover inúmeros efeitos para a vida dos indivíduos, tais como: superendividamento, distúrbios psicológicos e alimentares.



Apesar de prometer o progresso social e humano, pautado nos direitos humanos, conclui-se que o capitalismo, através da indústria cultural, aprisiona o indivíduo. Há a promessa do progresso social e da libertação do indivíduo, através da técnica. No entanto, como demonstrado, a técnica se transforma em psicotécnica. Por meio desta, manipula-se o psicológico do indivíduo, alterando seus valores, pensamento crítico e a individualidade. Os indivíduos transformam-se naquilo que o sistema os força ser: simples engrenagens e peças essenciais ao funcionamento do sistema capitalista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor; Horkheimer, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1947.
- CHAUÍ, Marilena. **Contra a Servidão Voluntária**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.
- CLASTRES, Pierre. Liberdade, Infortúnio, Inominável. In: BOÉTIE, La. **Discurso sobre a servidão voluntária**. Lisboa: Antígona, 2016.
- CUTTS, Steve. **Happiness**. 2017. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=wmtHMOvl-Hc>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2021.
- FANON, Frantz. **Pele Negra. Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Rio de Janeiro: EDUFBA, 2008.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- GOMES, Manuel João. Prefácio Difícil Apesar da Ajuda de Montaigne. In: BOÉTIE, La. **Discurso sobre a servidão voluntária**. Lisboa: Antígona, 2016, p. 14.
- LA BOÉTIE, Étienne de. **O Discurso da Servidão Voluntária**. I Ed. São Paulo: Martin Claret, 2017.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- VERBICARO, Dennis. VERBICARO, Loiane. **A Indústria Cultural e o Caráter Fictício da Individualidade na Definição de Consumidor-Comunidade Global**. Revista Jurídica Cesumar. Vol. 17, n. 1, 2017.





VERBICARO, Loiane Prado. **O Impacto da Sociedade de Massas no Consumo e da Ideia de Cultura.** In: VERBICARO, Dennis; ATAÍDE, Camille; ACIOLI, Carlos (Coord).

Provocações Contemporâneas no Direito do Consumidor, 2018.

VERBICARO, Dennis. VERBICARO, Loiane Prado. AZEVEDO, Camyla Galeão de. **A Indústria Cultural e o Consumismo sob a Perspectiva da Mulher.** Revista de Direito do Consumidor. Vol. 123, ano 28. P. 77-106. São Paulo: Ed. RT, 2019.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Civilização capitalista.** In: Capitalismo histórico e civilização capitalista. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

